



## Obra-prima dos irmãos Goncourt ganha edição numerada pela CARAMBAIA

*Selecionados e traduzidos por Jorge Bastos, trechos de Diário – Memórias da vida literária abarcam o período de 1860 a 1896 e revelam os bastidores dos círculos literários parisienses em uma das épocas mais férteis da história da literatura*

Nos dias de hoje o nome Goncourt é mais conhecido quando se fala do prêmio literário mais importante da França ou de uma rua e de uma estação de metrô de Paris. Todos eles homenageiam os irmãos Edmond (1822-1896) e Jules (1830-1870) de Goncourt, inseparáveis na vida e na literatura, autores de vários romances, dramas teatrais e estudos históricos, hoje pouco lidos ou encenados, e presença quase infalível nos círculos literários parisienses na segunda metade do século XIX.

Foi na qualidade de observadores e participantes do mundo das letras que se originou a obra-prima dos Goncourt, *Diário – Memórias da vida literária*. A CARAMBAIA publica trechos selecionados da obra que cobrem o período de 1860 a 1896, com tradução, organização, notas e prefácio de Jorge Bastos. O *Diário*, assim como toda a obra dos irmãos, foi escrito em conjunto até a morte de Jules, vitimado pela sífilis. “É a nossa confissão de cada noite”, afirma Edmond no prefácio. Por tristeza e solidão, Edmond chegou a pensar em interrompê-lo, mas retomou a escrita por considerar que ambos formavam “um único eu”, de personalidades diferentes, mas com a mesma visão do mundo.

“Nosso esforço foi o de tentar levar nossos contemporâneos à posteridade”, informa Edmond. Um esforço muito bem-sucedido, como o passar do tempo mostrou. Ao *Diário* comparecem, em retratos muitas vezes íntimos, os representantes de uma das épocas mais férteis da história da literatura: Gustave Flaubert, Victor Hugo, Théophile Gautier, Alexandre Dumas pai e filho, Charles Baudelaire, Émile Zola, Guy de Maupassant, Alphonse Daudet e Stéphane Mallarmé, além do russo Ivan Turguêniev, para citar alguns dos mais conhecidos. Estão presentes ainda figuras de outras áreas, como o pintor Edgar Degas e o neurologista Jean-Martin Charcot, mestre de Sigmund Freud. Eles surgem à vontade e com a língua



solta em jantares no restaurante Magny e encontros na casa da princesa Mathilde, prima do imperador Napoleão III, alternadamente presidente e imperador da França.

Como testemunhas privilegiadas, os irmãos Goncourt fornecem uma inestimável crônica das discussões estéticas e literárias, da vida mundana de Paris, dos hábitos e princípios da intelectualidade da época, dos prostíbulos e bordéis, da chocante misoginia e da visão da elite sobre os acontecimentos políticos de uma época de revoluções e descobertas – o fonógrafo, a fotografia instantânea e a máquina de escrever provocam espanto e encantamento nos autores.

Nove volumes dos diários foram publicados em vida por Edmond, que pretendeu divulgar apenas as “verdades agradáveis”. Mesmo assim, amigos dos Goncourt protestaram contra menções a seus nomes que julgaram ofensivas. A fofoca e a maledicência encontram terreno fértil nas anotações do *Diário*, como ficou mais do que evidente quando elas vieram a público na íntegra, 50 anos depois da morte de Edmond, por determinação testamentária. Flaubert, um dos amigos mais frequentes na casa dos irmãos, “tem um espírito grosseirão e empastado, como o corpo”. Para eles, “falta charme à sua expansividade bovina”. Sobre Victor Hugo, os Goncourt dizem que “tem ambição de se dizer pensador” mas o que mais lhe falta é pensamento. Nem o Todo-Poderoso escapa das opiniões demolidoras dos irmãos: “As estações do ano são tão mal adaptadas e é tão descompassado tudo que ficou a cargo da Providência que, se Deus fosse um rei constitucional, nunca haveria de montar um ministério que se sustentasse”.

Vários trechos do *Diário* são pura diversão, como nas anedotas sobre personagens da intelectualidade francesa. Uma delas descreve o filósofo Auguste Comte, pai do positivismo, racional e ateu, fugindo de um cemitério com medo de fantasma. Mas há também a presença da agonia e da morte, a começar pela depauperação de Jules e, conforme o tempo avança, pela despedida de muitos dos amigos célebres dos irmãos. Frequentemente esnobes e amarguradas, as anotações dos Goncourt voltam repetidamente à repercussão de suas obras, ora ignoradas, ora demolidas pelos críticos. No entanto, eles continuam produzindo copiosamente, convictos de que são artistas excepcionais e revolucionários, atribuindo a si mesmos a criação do naturalismo na literatura. “Os críticos podem falar à



vontade de Zola, mas não podem negar que meu irmão e eu tenhamos sido os “são João Batista da sensibilidade moderna”, afirma Edmond.

Os irmãos Goncourt nasceram – Edmond em Nancy e Jules em Paris – numa família aristocrata. Dedicaram-se às letras como a um sacerdócio. Não se casaram nem tiveram filhos e moravam na mesma casa, onde, eventualmente, compartilhavam a mesma amante. Combinaram a paixão pela literatura – sempre ameaçada de censura por seu conteúdo considerado escandaloso – com um profundo interesse pela arte, sobretudo as gravuras japonesas, das quais eram colecionadores. Entre suas muitas obras de ficção, algumas ainda suscitam algum interesse, como os romances *Germinie Lacerteux*, escrito por ambos, e *La fille Élise*, por Edmond. A fortuna da família foi destinada à criação da Academia Goncourt, com o objetivo de estimular a atividade literária, em contraposição à tradicional Academia Francesa. A Academia Goncourt concede anualmente, desde 1903, o prêmio que leva seu nome. A avenida Goncourt foi assim nomeada enquanto Edmond estava vivo.

Esta edição da CARAMBAIA traz também textos introdutórios a cada ano do diário, indicando os principais fatos daquele período, tanto na vida dos Goncourt como no contexto literário, artístico e político da época. O projeto gráfico, feito por Vitor Carvalho, faz alusão a elementos da atmosfera parisiense do século XIX, com as estruturas metálicas e os grandes espaços de convivência criados pela reforma urbana do Barão de Haussmann. Nas páginas do *Diário*, o texto foi estruturado de forma a ressaltar a formatação singular das anotações de um diário, diferenciando as passagens escritas pelos irmãos Goncourt das intervenções do organizador. Essas vozes distintas foram codificadas pelo uso das cores. A edição tem tiragem limitada a 1.000 exemplares, todos numerados a mão, e será lançada também em versão digital.

**Título:** Diário – Memória da vida literária

**Autores:** Edmond de Goncourt e Jules de Goncourt

**Seleção, tradução e prefácio:** Jorge Bastos

**Projeto gráfico:** Vitor Carvalho

**Número de páginas:** 432

**Ano de publicação:** 2021

**Acabamento e encadernação:** Capa dura com hot-stamping

**Valor:** R\$ 121,90 | R\$ 85,90 (e-book)



## EDITORA CARAMBAIA

Av. São Luís, 86 - conjunto 182 - República

São Paulo - SP 01046-000

(11) 2366-5538

[www.carambaia.com.br](http://www.carambaia.com.br)

## CONTATO PARA IMPRENSA

Clara Dias

[imprensa@carambaia.com.br](mailto:imprensa@carambaia.com.br)

(11) 98196-5036